



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**CAROLINA OLIVEIRA FRUTUOSO**

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Florianópolis  
Novembro 2013

**CAROLINA OLIVEIRA FRUTUOSO**

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para  
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia –  
Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de  
Ciências da Educação.

Orientadora: Patrícia Laura Torriglia

Coorientadora: Jimena Furlani

Florianópolis  
Novembro 2013

# **CAROLINA OLIVEIRA FRUTUOSO**

## **A sexualidade na educação infantil**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina.  
Florianópolis, 01 de dezembro de 2013

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Sylvia Cardoso Carneiro  
Coordenadora do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Laura Torriglia  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jimena Furlani  
Coorientadora  
Universidade Estadual de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia de Moraes Lima  
Membro

---

Prof.<sup>o</sup> Ms. Professor Ramiro Marinho Costa  
Membro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Batista Serrão  
Suplente

## DEDICATÓRIA

*A toda minha família. Em especial aos meus pais, Adilson N. Frutuoso e Elizabete O. Frutuoso, que sempre estiveram ao meu lado, protegendo-me de todo o mal, instruindo no caminho certo a ser trilhado e me encorajando a ir além.*

*Tenho a certeza que este e outros sonhos, só puderam se tornar realidade porque todas as vezes que eu precisava eles estavam ali, dispostos a ajudar-me, dando-me força e incentivando-me, mostrando o quanto podemos ser forte e quebrar barreiras pela força do amor, da união, do companheirismo, da gratidão e da fé. Sem essas pessoas eu não seria quem sou hoje, e com toda a certeza minha vida não seria a mesma.*

*Muito obrigada por fazerem parte da minha vida!*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço à Deus, por me fazer superar minhas limitações e permitir que eu prosseguisse na caminhada, concluindo mais uma etapa da minha vida.

Em segundo lugar, agradeço do fundo do coração a minha família. Por sempre estarem ao meu lado nos momentos em que precisei. Por suportarem meus momentos de stress, insegurança e ansiedade, que digam de passagem não foram poucos. Aos meus pais Adilson N. Frutuoso e Elizabete O. Frutuoso, por sempre acreditarem nos meus sonhos e ajudarem a torna-los realidade. Pelos conselhos de amigo (a) que muitas vezes soavam mais como punição do que realmente conselhos, mas hoje consigo ver o quanto eles foram importantes. Pelo amor incondicional, carinho e atenção que sempre deram a mim e aos meus irmãos. À minha irmã Karina O. Frutuoso, uma grande amiga, sempre disposta a me ajudar, por todas as orações. Ao meu irmão Micael O. Frutuoso, pelo grande amigo e cúmplice que se tornou em minha vida. À minha cunhada Juliana Lisboa, que me ajudou na revisão deste trabalho.

À Rafaela Gerard, por tudo que passamos juntas, pelas conversas no ônibus de volta para a casa, pelos conselhos, ensinamentos de vida, pelas ajudas acadêmicas, por estar sempre disposta quando a preocupava, pelas brigas e pelas risadas, e acima de tudo pela grande amizade inesquecível e eterna.

À Alini Brighenti, Ivana Rosa, Maristela Flora grandes amigas universitárias que tiveram uma grande contribuição em minha formação.

À minha orientadora Patrícia Torriglia e a minha co-orientadora Jimena Furlani, pela realização deste trabalho, pois sem elas não conseguiria concluí-lo.

A Todos (as) que de alguma forma participaram  
deste processo, muito obrigado/a!

## **RESUMO**

Essa pesquisa busca apresentar uma reflexão sobre as concepções de sexualidade na visão das professoras, que atuam em duas instituições públicas de Educação Infantil do município de Florianópolis. O trabalho apresentará três concepções de sexualidade: a concepção biológica da sexualidade, a sexualidade enquanto uma construção social, cultural e histórica, e a concepção religiosa. Utilizamos como procedimento metodológico questionários realizados a professoras/es de Educação Infantil. Discutiremos também a importância da temática estar inserida dentro do currículo escolar, e, portanto, no trabalho pedagógico, em todos os níveis de ensino, em especial o da Educação Infantil foco desta pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVES:** Sexualidade 1. Sexualidade infantil 2. Prática docente 3. Educação Sexual 4.

## **ABSTRACT**

This research aims to present a reflection on the conceptions of sexuality in view of the teachers, who work in two public Childhood Education in Florianópolis. The paper presents three conceptions of sexuality: biological conception of sexuality, sexuality as a social, cultural, historical, and religious conception. Methodological procedure used questionnaires conducted the teachers / s Child Education. We also discuss the importance of the issue to be inserted into the curriculum, and therefore in the pedagogical work in all levels of education, especially of early childhood education focus of this research.

**KEYWORDS:** Sexuality 1. Sexuality child 2. teaching practices 3. Sex Education 4.

## SUMÁRIO

Introdução .....	9
Objetivos da Pesquisa .....	13
Metodologia da Pesquisa: o caminho percorrido .....	13
Capítulo I - Opiniões pessoais acerca da sexualidade - confrontando valores ..	16
I.I. Para além de uma sexualidade biológica .....	16
I.II. Sexualidade: uma construção social, cultural e histórica .....	19
Capítulo II - Característica da Formação Inicial - as lacunas teóricas e prática.	25
II.I. O lugar da sexualidade na Educação .....	25
Capítulo III - Prática Profissional - interfaces entre pedagogia, famílias, religião e políticas públicas .....	29
III.I. A Prática Docente e a Educação Sexual .....	29
III.II. As manifestações da sexualidade infantil. E agora como lidar com ela?...	32
Considerações Finais .....	37
Referências Bibliográficas.....	41
Anexos .....	43
I. Questionário .....	43



## INTRODUÇÃO

Dentro do cotidiano educacional, em especial o da Educação Infantil é comum nos depararmos com cenas e situações que envolvam a sexualidade humana (descoberta corporal, masturbação, homossexualidade, etc.) cenas essas que, na maioria das vezes são mal compreendidas ou/e mal conduzidas pelo adulto que as presenciam. Essa inadequada compreensão, por parte da pessoa adulta, pode estar relacionada a pelo menos dois fatores. 1) Por não reconhecer que a criança possui uma sexualidade; 2) E por não entender que a mesma (criança) encontra-se nesta faixa etária (0 a 5 anos) marcada pela constante descoberta, seja em relação ao seu corpo, ou ao corpo do outro.

Para Jimena Furlani (2011, p. 86) “a descoberta corporal é expressão da sexualidade” A manipulação dos genitais, por exemplo, (que se encontra muito presente na infância) é uma etapa do desenvolvimento e aprendizado da criança no que se refere a sua sexualidade. Esta experiência de socialização e autoconhecimento trata-se de um processo universal, esperado e benéfico no que se refere ao aprendizado infantil da sexualidade.

Esta e outras manifestações de sexualidade infantil, encontram-se muito presentes dentro da Educação Infantil. Durante o curso de pedagogia, o qual participei pude ouvir relatos de colegas que atuavam na área da Educação Infantil. Nestes relatos pude perceber que ao se deparar com cenas que envolviam a sexualidade infantil, as professoras não sabiam como lidar com aquelas situações, o que fazer, como fazer. Por não saber como lidar, as professoras fingiam não ter visto o que estava acontecendo, ou então interviam chamando para uma brincadeira, com o intuito de interromper aquela manifestação, sem a necessidade de uma discursão.

No entanto, para uma melhor compreensão da sexualidade, é preciso considerar que tal tema implica valores culturais, morais e sociais. Desta forma podemos dizer que a sexualidade encontra-se repleta de conceitos e preconceitos, construídos histórica e socialmente. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN's), de 1998, a compreensão da sexualidade deve ser entendida.

[...] como um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento das crianças pode auxiliar o professor diante das ações exploratórias das crianças ou das perguntas que fazem a respeito do tema (BRASIL, 1998, p.19).

Ainda segundo os RCN's a sexualidade é importante no desenvolvimento e na

vida emocional dos indivíduos, pois a mesma está relacionada ao prazer. Ela é entendida como algo que está presente desde o nascimento, que manifesta-se de diversas formas nas várias fases da vida, e é influenciada pela cultura e pela história (BRASIL, 1998, p.17).

Neste sentido, corrobora Mott (1998, p.60) “A sexualidade humana é cultural e não instintiva, pois se fosse ditada pela natureza seria idêntica a todos os povos e em todas as épocas”. O autor ressalta que, o que se considera certo ou errado, em questão sexual dentro da sociedade brasileira é herança direta das crendices sexuais do povo judaico-cristã, assim como dos povos, grego, romano, indígena e africano (grifo meu). Fazendo com que existam ainda dentro de nossa sociedade, muitos paradigmas que precisam ser desmistificados/modificados e reformulados.

Mesmo com tantos conceitos, não temos uma definição fechada para a sexualidade. O que sabemos é que a mesma não é homogênea, pelo contrário, podemos caracterizá-la como heterogênea, uma vez que existem muitas formas da sexualidade se manifestar. Podemos ainda dizer, que a sexualidade é manifestada (em muitos momentos) pela busca do prazer, como é o caso da sexualidade infantil.

A sexualidade é: afeto, carinho, amor, descoberta, sexo, satisfação, prazer, etc. Ficando como “desafio” compreender a sexualidade como inerente ao ser humano, e respeitá-la em suas múltiplas manifestações, não se esquecendo é claro que o conceito, a forma de entender a mesma dentro da sociedade trata-se de uma construção social, histórica e cultural, podendo ter (e tendo) diferentes compreensões nas inúmeras instâncias da sociedade.

Em relação a essa categoria Furlani na apresentação do seu livro "Mitos e Tabus da sexualidade humana", explica que:

As múltiplas representações, significado e saberes no contexto das diversas sociedades e culturas, são “invenções” dos seus respectivos contextos discursivos. Podemos escolher pinçar na história algumas temáticas da sexualidade (como virgindade, casamento, homossexualismo, anticoncepcionais, manifestações infantis, iniciação sexual, etc.). Veremos como cada sociedade, ao seu tempo, “constrói” específicos significados acerca do objeto de que fala. Cada sociedade legitima ou condena certas práticas sexuais, certos sujeitos, dependendo do entendimento momentâneo que tem sobre eles (FURLANI 2007, p.11).

Cabe destacar que este tema foi pensado como uma maneira de contribuir para melhorar minha formação<sup>1</sup> enquanto pedagoga, com o intuito de conhecer alguns elementos básicos e amparo teórico para oferecer as crianças no momento da atuação como docente no processo de ensino e aprendizagem, para que se cumpra o seu direito ao desenvolvimento pleno. Nessa direção, elaborei uma questão eixo como fundamento desta pesquisa: *Como as/os professoras/es que atuam na Educação Infantil abordam a sexualidade infantil?*

Partimos do pressuposto de que a Educação Infantil tem como função contemplar as múltiplas dimensões do processo de desenvolvimento da criança (até mesmo a sexualidade). E neste sentido, consideramos que o papel das/dos educadoras e educadores na Educação Infantil, é auxiliar o indivíduo (criança) em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. E neste processo não devemos privá-lo dos conhecimentos referentes à sexualidade necessários para o seu desenvolvimento, para o desenvolvimento de uma entre tantas identidades que possuímos enquanto seres humanos.

Sendo assim, cabe perguntarmos, porque é tão difícil tratar este tema de forma “natural”? Sendo que, o mesmo encontra-se presente nas práticas sociais, em especial nas mídias. Quais são as barreiras que impedem o tema acerca da Educação Sexual ser trabalhado nas Instituições de Educação Infantil? Porque parece ser tão difícil o trabalho da Educação Sexual para/com crianças? Essas são questões para refletirmos acerca de nossa prática.

Furlani (2010) defende a compreensão do tema sexualidade inserido no currículo escolar de todos os níveis da escolarização brasileira. Segundo a autora:

Os assuntos discutidos na educação sexual são conhecimentos indispensáveis à formação integral da criança e do/a jovem. O sexo, a sexualidade, a raça, a etnia, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constitui os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência (FURLANI, 2010,

---

<sup>1</sup> Durante o curso de pedagogia da UFSC o qual participei, tivemos algumas “pinceladas” sobre a Sexualidade e a Educação Sexual, para não dizer que não tivemos nada. Até onde eu me lembre, durante estes quatro anos e meio de curso (2009/2 à 2013/2), se tivemos cinco aulas que abordassem estes temas foram muitas, e quando me refiro à aula estou falando de aulas que aconteceram na primeira fase na disciplina de Psicologia da Educação, e na quarta fase na disciplina de Ciência Infância e Ensino. Será que cinco aulas são suficientes para termos uma noção inicial sobre determinado assunto? Será que com esse aprendizado conseguiremos intervir de forma a contribuir para o desenvolvimento de uma vida sexual saudável e feliz de uma criança? É claro que a resposta para essas perguntas é não, e não. Acredito que esta realidade não se restringe a essa instituição.

p.67).

Identificando desta maneira a necessidade e importância deste tema (sexualidade) ser trabalhado na formação docente, isto é, nos processos de formação e inserido em disciplinas, como também em seminários específicos que abordem a temática e se articule com o desenvolvimento em todas as dimensões da criança. Pois só com conhecimento teórico e prático conseguiremos romper com os estereótipos que temos em relação à sexualidade infantil, passando a compreendê-la como parte do processo de desenvolvimento humano, tanto quanto engatinhar, andar e falar, e que assim como essas necessidades, a sexualidade também se manifesta na infância.

Acredito que, com essa compreensão acerca da sexualidade o trabalho docente ocorrerá de forma “natural” sem constrangimentos, medos, bloqueios e/ou preconceitos. Ao identificar a sexualidade infantil como uma das dimensões da condição humana, o professor/professora conseguirá contribuir com/para uma educação disposta a dialogar com as crianças, apresentando/ensinando os conhecimentos necessários referentes à sexualidade e a sua formação enquanto ser humano.

Por se tratar de uma pesquisa participante e neste processo o capítulo de referenciais teóricos, será apresentado incorporando as discussões dos questionários. Desta forma este trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo intitulado: “OPINIÕES PESSOAIS ACERCA DA SEXUALIDADE - CONFRONTANDO VALORES”, procuro dialogar com concepções de sexualidade apresentadas pelas professoras no primeiro bloco do questionário desta pesquisa. Assim como identificar em quais momentos da infância<sup>2</sup> dessas docentes o discurso sobre a temática encontrava-se mais presente.

O segundo capítulo intitulado “CARACTERÍSTICA DA FORMAÇÃO INICIAL - AS LACUNAS TEÓRICAS E PRÁTICAS” apresentará quais concepções de educação sexual foram trabalhadas na formação inicial das docentes. Como a sexualidade foi abordada dentro do ambiente escolar, quais eram os momentos em que o

---

<sup>2</sup> Concebemos o significado de Infância, como uma condição social, vivenciada de forma diferente pelos sujeitos (criança) que a compõe. Desta forma, a infância aqui defendida é plural/heterogênea, pois cada criança experimenta e vivencia essa condição de vida de uma forma diferente, por exemplo: uma criança de classe média, certamente terá uma vida confortável (brinquedos, alimentação, educação, etc.). No entanto uma criança de classe média baixa, que precisa trabalhar desde cedo, para ajudar na renda familiar, não desfrutará de todo o conforto que a primeira criança possui. Mais isso não impedirá que ambas as crianças vivenciem suas infâncias, pois como já mencionei acima a infância, ou melhor as experiências/ vivências da infância é plural/heterogênea. Independente da classe social, religião, cultura, etnia, etc... todos os sujeitos de pouca idade (crianças) partilham de uma infância.

discurso acerca da sexualidade estava presente e quais eram as disciplinas em que se falava sobre a temática. Traremos também uma discussão acerca da importância desta temática ser abordada dentro dos currículos educacionais (educação infantil, ensino fundamental e médio), assim como nos currículos dos cursos de pedagogia.

E no terceiro capítulo intitulado: “PRÁTICA PROFISSIONAL - INTERFACES ENTRE PEDAGOGIA, FAMÍLIAS, RELIGIÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS” busco analisar como este tema encontra-se presente dentro das instituições de educação infantil, mas necessariamente dentro das práticas pedagógicas destas docentes.

## **OBJETIVOS DA PESQUISA**

Essa pesquisa teve como objetivo central desvendar as concepções existentes dentro das Instituições de Educação Infantil, sobre um tema (sexualidade) tão polêmico dentro de nossa sociedade e que ao mesmo tempo diz respeito à uma dimensão humana, a qual nenhum ser está isento.

Desta forma buscou-se:

- Compreender como as professoras que atuam na Educação Infantil abordam a questão da sexualidade, em duas instituições públicas, da grande Florianópolis.
- Contribuir para a formação, inicial ou continuada, de pedagogas/os que atuem/atuarão com a temática, para o desenvolvimento de uma prática que venha educar a criança (através de orientações e explicações) conforme sugere Furlani (2011, p.94) que a sexualidade infantil pode ser educada e não reprimida.

## **METODOLOGIA DA PESQUISA: O CAMINHO PERCORRIDO**

Diante do tempo necessário para realização da pesquisa e para a elaboração (escrita) do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC percebi, juntamente com as orientadoras, que seria necessário rever os objetivos e metodologia, iniciais. Decidimos então pela realização de uma pesquisa de cunho qualitativo, que caracterizou-se por uma Pesquisa Participativa.

Deste modo, a pesquisa foi elaborada com a utilização de duas ferramentas metodológicas:

### **1. Aplicação de questionário:**

Foram distribuídos dez questionários<sup>3</sup> (ANEXO 1), estruturado em três momentos distintos:

1. Opiniões pessoais acerca da sexualidade;
2. Característica da Formação Inicial;
3. Prática profissional, para pedagogas<sup>4</sup> já formadas, que atuavam em Unidades Educacional de Florianópolis.

As Instituições de Educação Infantil foram: Escola Desdobrada e NEI Costa da Lagoa, uma escola pública de pequeno porte, localizada no bairro lagoa da conceição, mas especificamente na costa da lagoa. O prédio comporta dois níveis de ensino da Educação Básica, a Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental, até o 5º ano. Também foram aplicados questionários no NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil, da UFSC). A instituição fica localizada no bairro da trindade e está vinculada ao Centro de Ciência da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, integra a primeira etapa da Educação Básica (Educação Infantil) desta universidade. Atualmente atende criança na faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses.

### **2. Levantamento bibliográfico:**

Um breve levantamento bibliográfico, foi feito em livros, sobre a Sexualidade humana, para melhor compreendê-la, que se somou aos livros indicados pela orientação desse TCC.

Também foram realizadas pesquisas via *internet* procurando artigos que tratassem do tema e encontramos seis artigos em diferentes sites (SciELO, periódicos da UDESC e revistas online) sobre a temática. Os quais demonstraram que ainda hoje dentro de nossas instituições de ensino existem muitos preconceitos, receios, angústia da parte dos profissionais, que muitas vezes não conseguem lidar com essa questão (sexualidade infantil). Através destas leituras podemos ter maior compreensão da

---

<sup>3</sup> O questionário corresponde ao anexo 1. Dos dez questionários que distribuimos, tivemos retorno de três respondidos inteiramente e um respondido parcialmente. Como trata-se de uma pesquisa qualitativa foi possível visualizar/compreender, nas respostas, como as professoras atuam na área da educação infantil e como lidam com o tema em questão.

<sup>4</sup> Ao longo da monografia, quando nos referirmos a pesquisa utilizaremos o termo *pedagogas* no gênero feminino. Não por uma questão de escolha, mas os sujeitos da pesquisa foram apenas mulheres. Quando ocorrer citações de oriundas das participantes da pesquisa, utilizaremos as seguintes expressões: Professora (1); Professora (2); Professora (3); Professora (4).

complexidade do tema, e da importância desse tema ser tratado de forma saudável<sup>5</sup>, e responsável para um desenvolvimento pleno do ser humano.

Foram analisados quais concepções e orientações os documentos norteadores da educação, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e em especial o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN's) documento específico da educação infantil (0 a 6) apresentam para as/os educadoras/es que atuam na área. Vimos que, os documentos apresentam avanço no que diz respeito à compreensão da sexualidade, pois explicitam a temática como algo natural que faz parte do desenvolvimento da criança, e que necessita ser abordada/discutida dentro do currículo da educação infantil, assim como nos demais níveis de ensino. Mas ao comparar estes documentos com a realidade da educação, vimos que ainda há um grande percurso pela frente.

Autoras como Ana Maria Camargo e Claudia Ribeiro (1999), Jimena Furlani (2007-2008-2011), Guacira Louro (2007), contribuíram para o entendimento da sexualidade como algo construído historicamente por valores culturais e sociais, ao mesmo tempo em que a definem como uma dimensão inerente ao desenvolvimento humano. Essas autoras contribuíram também, como suporte teórico para esta pesquisa.

É através destas leituras em confrontação com a análise dos questionários, que discutiremos a visão das professoras acerca deste tema, e como as mesmas abordam/trabalham a temática da sexualidade em suas práticas pedagógicas.

---

<sup>5</sup> Os termos sexualidade saudável de Debora Haffner (2005), ou saúde sexual, utilizado ao longo deste trabalho remete-se não somente a saúde psíquica (mental) do indivíduo, mais também diz respeito ao bem estar, ao respeito ao outro (ética e moral ), à preparação para a puberdade, à auto confiança, etc.

## **Capítulo I - OPINIÕES PESSOAIS ACERCA DA SEXUALIDADE - CONFRONTANDO VALORES**

Neste capítulo, discutiremos quais eram as concepções acerca da sexualidade existente entre as protagonistas da pesquisa, através dos questionamentos buscamos compreender “como” e “o que” as docentes entendiam por sexualidade.

Buscamos também visualizar/identificar quais foram os momentos da infância e através de quais meios de informação (família, amigos, religião, livros, mídias, etc.) elas aprendiam, ou melhor, falavam sobre a sexualidade. Para quem sabe assim poderemos, visualizar como as professoras foram tecendo/construindo seus entendimentos sobre a sexualidade.

### **I.I Para além de uma sexualidade biológica**

Em relação ao questionamento acerca do entendimento de sexualidade, as docentes apresentaram visões muito semelhantes umas das outras. As professoras demonstraram ter compreensão de que a sexualidade é uma dimensão do desenvolvimento humano, e que a mesma, não se restringe a apenas um momento da vida, muito pelo contrário, ela encontra-se presente em todas as fases da vida e se manifesta de diferentes formas em cada uma delas. Assim explica uma das professoras,

Para mim a sexualidade é uma dimensão humana, portanto está relacionada ao modo como todo o sujeito sente prazer. Como todo sujeito desejam-te as crianças vivem desde bebês com diversos prazeres corpóreos-afetivos. Desse modo, a sexualidade se origina quando a criança nasce e essa dimensão é vivenciada em diferentes modos ao longo da vida (Professora 1).

Esse entendimento de sexualidade tem respaldo em autoras como: Ana Maria Camargo e Cláudia Ribeiro (2011), Jimena Furlani (2011), Guacira Louro (2007) que discutem a sexualidade como inerente a todos nós (crianças, adolescentes, homens, mulheres, jovens, idosos e idosas). Para essas autoras, a sexualidade é uma característica geral experimentada por todos os seres humanos, independente de classe social, etnia, cor da pele, etc. Em outras palavras, a sexualidade desempenha um papel muito importante na vida do indivíduo, e está presente em todas as fases do desenvolvimento humano.

No final do século XIX e início do século XX, o psicólogo Sigmund Freud em uma de suas obras intitulada: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, lança a tese de



que a sexualidade está presente na criança desde o seu nascimento, e se expressa durante todo o seu processo de desenvolvimento, em alguns momentos mais visíveis, em outros nem tanto. Ele foi o primeiro estudioso a pôr em tese a sexualidade infantil.

Sua tese foi alvo de crítica dentro da sociedade, pois nesta época acreditava-se que era na puberdade que o indivíduo iniciava sua vida sexual, isso porque é na puberdade que ocorre o surgimento das características sexuais secundárias, compreendidas como as modificações do corpo e o surgimento do interesse sexual no sentido genital. O entendimento da sexualidade nesta época estava ligado ao biológico, à reprodução, ao sexo, e só seria então “ativada” /manifestada na puberdade. Desse modo, a criança era concebida como um ser assexuado.

Elis Costa e Kênia Oliveira (2011, p. 2) chama-nos atenção para o fato de que, “a sexualidade é uma dimensão humana essencial, e deve ser entendida na totalidade dos seus sentidos como tema e área de conhecimento”. Quando concebemos a sexualidade como dimensão humana, não estamos querendo naturalizá-la. O que queremos, é mostrar que a nossa sexualidade é formada por fatores biológicos, mas não só por eles. A sexualidade também é construída discursivamente através das culturas, dos valores e das crenças, que são transmitidos durante nosso desenvolvimento. Desta forma podemos dizer que somos sujeitos sexuados/as, ao mesmo tempo em que somos sexualizados/as.

Outra compreensão acerca da sexualidade que chamou a atenção nas respostas ao questionário, foi a visão biológica da sexualidade. Embora não de forma exclusiva, esta visão aparece entre as respostas das professoras. Vejamos:

Para mim a sexualidade é uma das dimensões que fazem parte do ser humano, que tem uma base biológica, mas também é definida socialmente. Ela se origina na história da humanidade pela questão da reprodução da espécie, mas ao longo do tempo ela é resignificada e adquire um caráter cada vez mais social e cultura. Na sexualidade estão envolvidas as manifestações dos corpos, relações entre as pessoas, definições sobre gênero, moral, valores saúde, cuidados, etc. (Professora 2).

Nesse entendimento, a sexualidade é apresentada, como constituinte de, pelo menos três dimensões: a dimensão biológica, a social e a moral. Parece que existem vários fatores que determinam suas manifestações, e, o discurso e a “definição” de sexualidade vêm se modificando ao longo da história, ou seja, a forma pela qual a sexualidade é compreendida sofre e continuará sofrendo influência da cultura e da sociedade.

Poderíamos dizer que, este seria o ponto de vista mais completo em termos do entendimento da sexualidade, a não ser pelo fato de que, intencionalmente ou não, a docente deixa transparecer a ideia de que a sexualidade é determinada pelos aspectos biológicos, como pode ser visualizado aqui “[...] que tem uma **base biológica [...]**”, trazendo à tona a visão biológica da sexualidade.

Durante muito tempo a sexualidade foi restrita aos aspectos biológicos (hormônios, órgão genitais, aparelho reprodutor, etc.). Este tipo de definição da sexualidade humana passa a ser determinada pela medicina, que passa a compreender a sexualidade dentro de um olhar biologizante, que concebe a mesma (sexualidade) como instinto, como necessidade natural, que tinha como objetivo o coito, ou melhor, a procriação. Deste modo a sexualidade só seria manifestada na puberdade, uma vez que a iniciação sexual geralmente acontece depois desta fase da vida.

Segundo Furlani (2011) este discurso é considerado por muitas/os o prevalecente (e até mesma a única) nas ações educacionais, que é marcada pela centralidade do ensino como promoção da saúde, da reprodução humana, das DSTs, da gravidez indesejada, do planejamento familiar, etc. Para a autora esta abordagem é necessária do ponto de vista da saúde sexual, mas ressalta que o grande problema é ficarmos restritos a esse entendimento, de sexualidade que tem como finalidade o coito, ou/e a reprodução.

Para Furlani (2011) não podemos justificar a sexualidade, ou melhor, as manifestações sexuais, apenas, pelo objetivo da “reprodução”. A autora nos diz que:

A vivência da sexualidade, desde a infância, está inserida num processo permanente, que, inicialmente se justifica pela descoberta corporal, vista como um ato de autoconhecimento. À medida que descobertas sexuais-afetivas ocorrem, aumentamos nossa capacidade de socialização e interação interpessoal. As crianças brincam, umas com as outras, experimentam situações, imitam adultos e imitam aquilo que veem no social. As manifestações de crianças, jovens e adultos produzem efeitos. Estes efeitos nos permitem compreender os significados culturais destas práticas e as normas e regras da vida em sociedade, construída discursivamente na cultura (FURLANI, 2011, p.67-68).

A sexualidade se define pela busca de prazeres, marcada na infância pela descoberta das sensações proporcionadas pelo contato, pelo toque, pela curiosidade, pela descoberta do outro em relação a si, pela diferença entre menino/menina. A autora ainda nos coloca que este processo de descoberta “corporais e afetivas”, que acontecem individualmente ou com outro indivíduo, permite-nos a obtenção de sensações prazerosas.

Deste modo podemos afirmar que sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução. Para Costa e Oliveira (2011) a sexualidade vai além das partes do corpo, constituindo-se como uma característica que está estabelecida e está presente na cultura e história do homem.

Ainda sobre a sexualidade a Organização Mundial de Saúde (1975 apud Antônio Egypto 2003) diz que:

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental (OMS, 1975, apud EGYPTO, 2003, p. 15 e 16).

Sendo assim, podemos dizer que a sexualidade está relacionada com a busca de prazeres e não se limita apenas aos atos sexuais, mais envolvem nossas razões, nossos sentimentos, afetos, nossos desejos, fantasias, e toda a forma de prazer está de certa forma ligada à nossa sexualidade. Como nos demonstram as autoras Eliana Gazola e Flavia Machado (2012, p.4) “todo ser humano experimenta a sexualidade, e o sexo não se faz presente em toda manifestação da sexualidade, visto que esta não visa única e exclusivamente aos deleites provenientes do sexo”. Demonstrando desta forma que a sexualidade e em especial a sexualidade infantil vai muito além da reprodução da espécie humana.

## **I.II Sexualidade: uma construção social, cultural e histórica**

Ao fazermos uma busca pela história da sexualidade, vimos que em diferentes épocas da história a sexualidade era concebida e tratada de forma muito diferente, e em alguns momentos até mesmo distinta. Isso dar-se ao fato da sexualidade, ou melhor, dos discursos/conceitos acerca da sexualidade, serem uma construção histórica, social e cultural, assim como os discursos/conceitos de criança, infância, escola, entre tantos outros. Desta maneira esses conceitos carregam em sua gênese valores, estigmas, preconceitos, crenças religiosas e culturais, que influenciaram/influenciam a nossa compreensão acerca do objeto de que falam.

O filósofo francês Michel Foucault demonstra em sua obra intitulada: História da sexualidade I: A vontade do saber, como a civilização ocidental se relacionava com a

sexualidade no início do século XVII. Segundo ele:

Diz-se que no início do século XVII ainda se vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiados disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparado com o do século XIX. Gestos diretos, discurso sem vergonha, transgressões visíveis, anatomia mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam” (FOUCAULT, 1977, p. 9).

Ao analisarmos a citação acima, podemos ter clareza que a concepção de sexualidade daquela época era bem diferente da que propaga atualmente em nossa sociedade. Nesta época falar sobre sexo ou sobre a sexualidade parece não ser um obstáculo, muito menos uma obscenidade, ou pecado (como a sexualidade era concebida/representada nas sociedades cristãs, e que infelizmente ainda hoje encontramos em algumas instâncias de nossa sociedade, principalmente aquelas ligadas ao discurso religioso).

No entanto como nos diria Telarolli apud Eliana Gazola e Flávia achado (2013), é difícil falar em sexualidade sem nos remetermos a herança cultural, a qual recebemos de nossos antepassados, incluindo os aspectos morais que determinam em cada época quais os padrões de sexualidade considerados normais.

O entendimento da sexualidade como construção social, como algo que se ensina e se aprende, que sofreu e vem sofrendo modificações no que diz respeito ao discurso da temática, influenciado pelas relações sociais, pelas culturas, pelos valores morais e religiosos, é outro dado importante que constatamos em relação ao entendimento da sexualidade. Como neste relato oferecido por uma das professoras:

Nos limites desta tentativa de responder acerca do tema é que situamos nossa compreensão sobre a sexualidade. A grosso modo, compreendemos que a sexualidade humana constitui-se fundamentalmente nas relações travadas entre homens e mulheres historicamente, em diferentes contextos sociais. Diz respeito ao corpo, aos desejos, aos afetos, às relações diversas, às especificidade dos diferentes grupos sociais, ao prazer, do que diz respeito ao corpo e aos sentimentos, as subjetividades (Professora 4).

Seguindo esta lógica, Guacira Louro diz que devemos entendê-la (sexualidade) como “um constructo histórico, como sendo produzido pela cultura, cambiante, carregado da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade” (LOURO, 2007, p. 210). Como pode ser visualizado no relato abaixo.

Os contatos sobre o assunto que tive na infância ocorreram em diferentes situações do cotidiano familiar e escolar e envolveram curiosidade, dúvidas, asseios, preocupações, etc. O acesso à revista e livros em casa, conversas principalmente com a mãe, com crianças da mesma idade e idades diferentes (rua e escola) trouxeram, por um lado, informações e, por outro, abordagem e conceitos um tanto quanto equivocado, marcados pelo espírito de época, pré-conceitos só retomados bem mais tarde, no ensino médio (Magistério) e faculdade (Pedagoga). (Professora 4)

Furlani (2007) na apresentação de seu livro *Mitos e tabus da sexualidade humana*, nos instiga a refletir sobre a afirmação de que “a sexualidade é construída historicamente!” e nos demonstra que ao utilizarmos esta afirmação estamos, dizendo que a mesma “tem uma história”, que foi construída em um “determinado tempo”, numa “época específica”, num “contexto específico”. Confirmando assim que todo conhecimento é temporal, é circunstancial, é contingencial, é construído e desconstruído em diferentes momentos da história.

Sendo assim, certamente encontraremos diferentes definições/concepções da sexualidade entre uma cultura e outra, e até mesmo dentro de uma mesma sociedade. Deste ponto de vista a verdade não é entendida como única e absoluta. Para Furlani (2007, p. 11) “as múltiplas representações, significações e saberes, no contexto das diversas sociedades e culturas são “invenções” dos seus respectivos contextos discursivos”. Que receberam significados positivos ou negativos a partir da compreensão que se tem sobre ele.

É claro que estas invenções de “verdades” /concepções não acontecem a todo instante, de uma hora para a outra. Trata-se de um processo lento, que surge em confrontação as atuais verdades.

A “manutenção” das verdades, do que é certo ou errado, verdadeiro ou falso, bom ou ruim, “é algo se aprende e exercita em sociedade (Professora 3)”. E que influenciam, ou não na compreensão que temos sobre a temática.

A pesquisa possibilitou visualizar algumas das formas, ou melhor, algumas instâncias/discursos acerca da sexualidade presente na infância das docentes. O “acesso” /contato a diferentes discursos que ensinaram, apresentaram, informaram conceitos e noções acerca da sexualidade apareceram geralmente ligados a conversas na escola (com profissionais e entre as próprias crianças), entre familiares (pais e mães), na rua (com pessoas da mesma idade ou de idades diferente), dentro do discurso religioso, e através do acesso a mídia, livros e revista. Desta forma poderíamos dizer que o

discurso da sexualidade estava muito presente na infância destas profissionais não é mesmo?

Algumas respostas nos apontaram supostos indícios de como e quando se falava sobre a temática. Vejamos.

Na minha infância este assunto esteve presente em minha família, pois meus pais sempre conversaram sobre o assunto comigo quando eu apresentava alguma dúvida ou curiosidade ou quando eles julgavam necessário. Também vivi essa discussão a partir de experiências na igreja. Sou protestante e em minha religião o tema é abordado com naturalidade, mais a partir de preceitos bíblicos. Acreditamos que o sexo e a sexualidade foram criado por Deus, mas que a prática sexual deve se restringir ao casamento. No entanto, principalmente na pré-adolescência e adolescência, sempre foram feitos debates e conversas sobre o assunto polêmico que aparecem na mídia e no cotidiano como masturbação, homossexualidade, gravidez, etc. (Professora 2).

Neste relato pode ser identificada a concepção da sexualidade a partir de uma abordagem religiosa. A sexualidade e o sexo são apresentados como criação divina e devem estar restritos ao casamento.

Dentro desta abordagem (religiosa) qualquer tipo de manifestação da sexualidade que não estejam ligados por votos matrimônios, são classificadas como profanas, pecaminosas, indignas, imoral, esta não aceitação tem por bases os fundamentos bíblicos. Segundo Furlani (2011) a abordagem religioso-radical (como a autora define ao demonstrar algumas abordagens contemporâneas para educação sexual), caracteriza-se [...] pelo apego as interpretações literária da Bíblia, usando o discurso religioso como uma “incontestável verdade” na determinação das representações acerca da sexualidade “normal” (FURLANI, 2011, p.20)”.

Nessa mesma linha de pensamento, este é outro relato que quero destacar aqui:

Meus pais as vezes falavam algo, mas nada claramente, esse tema não era exposto à nós crianças (eu e minhas duas irmãs). As vezes na escola quando algo acontecia com relação a sexualidade, as professoras conversavam com a gente, uma conversa rápida sem muita ênfase no assunto (Professora 3).

Através deste relato, podemos refletir sobre algumas implicações que levaram a abordagem rápida, e não muito clara acerca da sexualidade, por parte do pai / mãe e professoras. São elas, a) por relacionarem a sexualidade ao sexo (aqui como sinônimo da vida sexual); b) por entender que esse assunto não é para criança; c) por

acharem/acreditarem que uma conversa mais profunda/esclarecedora sobre a temática, poderia influenciar / instigar / estimular uma suposta sexualidade precoce.

Mas estes tipos de pensamentos não são verdadeiros. Muito pelo contrário do que se pensa as crianças são seres sexuados, e assim como qualquer outro assunto, a sexualidade deve ser sim discutida juntamente com as crianças, é claro de acordo com suas curiosidades e sua faixa etária. Devemos responder seus questionamentos de forma a esclarecer suas dúvidas. Pois segundo PCN's:

Sabe-se que, as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade, tensão e eventualmente inibição da capacidade investigativa. A oferta por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares (BRASIL/MEC 1997, p. 292).

Nesta citação, podemos visualizar a ênfase dada à satisfação da curiosidade infantil, e como essa não satisfação pode acarretar certas perdas na formação do indivíduo. O que muitas vezes acontece é que acabamos esquecendo que a omissão e o silenciamento são formas de educação, que muitas vezes tornam-se perigosas, pois abrem caminhos para que as crianças procurem as informações que necessitam saber em fontes nem sempre confiáveis.

O discurso religioso e a compreensão de criança como ser assexuado, também esteve presente em outros momentos da pesquisa. Eles apareceram quando as professoras foram questionadas<sup>6</sup> se havia e quais eram as barreiras existentes que impediam, de certa forma, o discurso de uma educação sexual dentro das instituições de ensino. Apenas uma professora respondeu que existiam barreiras para se trabalhar a Educação Sexual dentro da Educação Infantil. Segundo ela:

As barreiras estão relacionadas a uma moral religiosa e uma compreensão que as crianças são assexuadas. Do ponto de vista legal temos inúmeros documentos, como diretrizes pedagógicas, PCNs,

---

<sup>6</sup>Esta pergunta encontra-se no terceiro momento do questionário, o qual se remete a prática profissional. Portanto, adiantemos para este capítulo essa discussão para não tornar a mesma repetitiva. Durante a análise destas respostas vimos que houve uma má interpretação da pergunta, pois a intencionalidade era identificar quais eram barreiras existentes dentro do sistema de ensino como um todo. No entanto, percebemos que as respostas se restringiram às instituições em que as mesmas trabalhavam.

LDB dentre outros que nos ampararam legalmente (Professora 1).

Mesmo demonstrando que existem barreiras a serem enfrentadas em relação a uma educação sexual, a professora afirma que existem documentos que nos dão amparo para trabalharmos esta temática, documentos esses, que reforçam a compreensão que a sexualidade é tema de grande importância para o trabalho pedagógico dentro de todos os níveis de educação.

Podemos considerar que, dependendo da formação profissional que tivemos, e da compreensão de sexualidade que carregamos, será mais fácil ou não trabalharmos com uma educação sexual integral, como um direito da criança. Educação essa, que não tenha como prática a repressão, o silenciamento, a negação. Como pedagogas e pedagogos devemos estar sempre abertas/os para novas aprendizagens, até porque o processo de ensino e aprendizagem é constante e se modifica ao longo de nossa vida.



## **Capítulo II- CARACTERÍSTICA DA FORMAÇÃO INICIAL - AS LACUNAS TEÓRICAS E PRÁTICAS**

Novamente nos deparamos com uma dificuldade na análise das respostas, uma vez que as professoras entrevistadas tiveram dificuldade em descrever os episódios solicitados, talvez, por não entender a pergunta ou por não sentir a necessidade. Reconhecemos que essa talvez seja uma falha na metodologia escolhida para ser utilizada nesta pesquisa, pois a mesma permitiu que as professoras escapassem do assunto, respondendo de forma simples sem muito detalhamento.

### **II.I O lugar da sexualidade na educação**

Quando perguntamos sobre qual formação teve em relação ao tema, uma das professoras respondeu:

Me recordo da temática ser tratada especialmente na disciplinas de biologia e educação física, sempre atrelada a uma lógica biomédica (Professora 1).

Mais uma vez nos deparamos com o discurso biologizante, em que a sexualidade humana é inserida. Dentro das instituições de ensino, os níveis de escolarização que geralmente fazem parte da educação sexual, são os Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, em disciplinas como a biologia, ciências e/ou educação física. Geralmente o trabalho com esta temática ocorre no sexto e sétimo ano, quando começam a estudar o aparelho reprodutor, ou então eles aparecem ligados à uma educação preventiva. Como podemos ver no relato abaixo:

Eu lembro que esses assuntos eram tratados mais nas aulas de ciências ligados ao conteúdo da reprodução humana. Em geral eram tratados de uma forma “biologizante”, ou então como prevenção às DSTs ou gravidez na adolescência. Depois da publicação dos PCN’s, aos poucos o tema foi entrando de forma mais transversal aos conteúdos, mas ainda assim em forma de palestra e conversas específicas, e não como algo que preparasse os conteúdos (Professora 2).

Segundo Furlani (2011) “Essa abordagem, restrita ao biológico, sempre esteve presente no trabalho da educação sexual na escola, através de aulas de Ciência e de biologia [...] (p.16)”. Guacira Louro (1999) apud Furlani (2011), ao se referir a ênfase concedida hoje as práticas educativas, especialmente à prevenção da AIDS, afirma que “[...] temos que prestar atenção se o cuidado com a manutenção da saúde não está sendo

feito de modo a rodear a exercício da sexualidade de uma aura de perigo e de doença (p. 16)”.

Podemos dizer que dentro desta abordagem biológico-higienista, que a educação assumiu (dentro da formação destas professoras) e arrisco-me a dizer ainda hoje assume dentro de muitos ambientes escolares, a sexualidade vem a ser sinônimo de genitalidade. Tal ponto de vista pode ser considerado especialmente, porque as instituições de ensino dentro desta visão biológico-higienista, restringe o estudo e a discussão no que se refere a da temática (sexualidade), ao aparelho reprodutor (que já encontra-se pronto para a reprodução e suas consequências, ou melhor, os riscos, quase sempre cruel de uma sexualidade liberal, como a gravidez na adolescência, e as doenças sexualmente transmissíveis).

Em uma das respostas, também foi possível identificar outra característica da educação sexual que se encontra bastante presente dentro das práticas pedagógicas: seu caráter de acaso. A sexualidade assume, dentro do currículo educacional, a falta de um planejamento prévio a ser trabalhado sobre a temática; a mesma só é trabalhada e na maioria das vezes de forma fragmentada, quando ocorrem situações que envolvem as manifestações da sexualidade; sua discussão não é pensada dentro do currículo.

Não me lembro claramente, mas quando ocorria algo voltado a sexualidade a gente conversava uns com os outros (professores e crianças) uma conversa não muito clara sobre o assunto, não era abordada com muita clareza (Professora 3).

A educação sexual não deve estar presente somente quando surge uma manifestação da sexualidade ou alguma dúvida referente ao tema; ela deve compor o currículo das instituições de ensino, deve ser planejada assim como qualquer conteúdo, que trabalhem dentro da educação.

Cabe destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) estabelecem está temática como tema transversal, indicando que a mesma deve estar presente em todos os níveis de ensino, não como disciplina, mas como assunto necessário para a formação plena de um indivíduo.

Para Ana Maria Camargo e Cláudia Ribeiro (1999, p. 50) “a educação sexual deve ser pensada não como apêndice nas práticas educacionais, mas como integrante do currículo e da proposta de cada escola”. Pois como nos demonstrou uma das professoras:

O tema perpassa o trabalho do professor em qualquer nível de ensino. Cotidianamente, as crianças na Educação Infantil, nos desafiam a

pensar a respeito, seja pela curiosidade, pelas relações de afeto que se estabelecem com seus pares e adultos, as interações e experiências diversas que envolvem o toque, o beijo, o abraço e tudo o que expressam relacionados às suas vidas privadas, influência da mídia, expressão da sociedade em que estamos inseridos (Professora 4).

Para Jimena Furlani (2011, p. 65):

Independente desse ou daquele paradigma pedagógico e político a inclusão nos currículos escolares da educação sexual me parece óbvia, necessária, desejosa e coerente com uma escola útil à formação integral da criança e jovens em sociedade, e diz mais “a escola que não proporcionam a educação sexual a seus alunos e alunas estão educando parcialmente”.

Essa necessidade de inclusão curricular da temática parece estar presente também dentro do curso de formação de professoras, como podemos visualizar neste relato:

Sem dúvida. O tema da sexualidade deveria ser incluído na formação inicial e continuada de professores, bem como ser contemplado nas atividades de formação planejadas pelas instituições escolar. Trata-se de um tema abordado em outros espaços (mídia, por ex.) de forma muitas vezes distorcida, equivocada e que na escola, inclusive na educação infantil ainda é um tabu (Professora 1).

Ou neste outro:

Acho que o tema deve ser discutido na formação continuada dos professores, nas suas diferentes concepções e forma de abordagem. Nas escolas também seria interessante, mas de uma forma que problematizasse o tema, mas que respeitasse as diferentes opiniões, considerando que a sexualidade não é tratada somente na escola, as também é de responsabilidade da família e nisso, não existe uma concepção única (Professora 2).

É constante a ausência dessa temática na quase totalidade dos cursos de formações de professoras e professores, como pode ser visto na afirmação feita por Furlani (2008) “a sexualidade é um campo do conhecimento que, para muitos, as primeiras reflexões e discussões ocorrem, exatamente, em momento pós-formação universitária, como o possibilitado neste curso<sup>7</sup>” (p.8-9). Ainda segundo a autora (2011) “mesmo que reconheçamos que os cursos de formação não habilitem, adequadamente, professoras/es para um trabalho de educação sexual na escola, a formação continuada

---

<sup>7</sup> Esta citação foi extraída de um caderno direcionado a um curso de formação continuada na rede de ensino Municipal da Grande Florianópolis. FURLANI, Jimena (Org). **Educação sexual na Escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Florianópolis: UDESC, 2008.

pode e deve buscar suprir esta lacuna” (FURLANI, 2008, p. 28). Para outras autoras, Camargo e Ribeiro (1999, p.50) “os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando as possibilidades do corpo e das emoções”.

Acredito que os cursos de formações de professoras e professores devam rever seu currículo, na perspectiva da inclusão desta temática sobre forma de disciplina, uma vez que a mesma é tema constante dentro de nossas instituições de ensino, dentro de documentos que norteiam a nossa educação. Como poderemos trabalha-la se não temos amparo teórico dentro de nossa formação? Concordo que a formação continuada seja uma boa saída, mas porque investir em uma formação continuada quando poderíamos tratar o tema dentro da formação acadêmica?

### **Capítulo III - PRÁTICA PROFISSIONAL - INTERFACES ENTRE PEDAGOGIA, FAMÍLIAS, RELIGIÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

Em meio a tanto problema, posso dizer que a educação “caminha”, ainda que em passos lentos, para um avanço no que se refere a abordagem da sexualidade dentro das práticas docentes. A discussão acerca da educação sexual como tema transversal apontado nos PCN’s e a formação continuada acerca do tema são indícios dessa mudança.

No entanto, ao analisar as respostas das profissionais ao questionário, vimos que existe uma necessidade de repensar a forma como estes cursos de formação continuada vêm sendo oferecidos. Quando questionada sobre a participação em alguma formação continuada sobre a temática, uma das professoras respondeu que:

Sim, mas foi passada pouca coisa, o curso foi pouca carga horária, não deu para esclarecer muita coisa. Precisamos de mais formações sobre o tema sexualidade (Professora 3).

Ao refletir sobre a formação continuada podemos nos questionar, qual a verdadeira função que assume uma Política de Formação Continuada dentro da educação? Se partirmos do pressuposto que as docentes não tiveram contato com a educação sexual dentro de sua formação acadêmica, será que uma formação rápida sem muito aprofundamento, não acarretaria em uma visão equivocada sobre a temática?

Minha intenção aqui não é desmerecer a formação continuada, longe disso, o que quero levantar com estes questionamentos, é a importância desta temática estar incluída dentro dos currículos dos cursos de Formação Inicial. Entendo que a formação continuada contribuiria muito mais para a formação das/dos docentes, se estas/es já possuíssem, o mínimo que seja, de repertório teórico sobre esta temática, o que sabemos, que na maioria dos casos, não acontece.

#### **III.1 A Prática Docente e a Educação Sexual**

É na instituição escolar que as crianças passam a maior parte do tempo, estudando, ensinando e aprendendo sobre variados assuntos, e convivendo com crianças de variadas culturas. Neste ambiente elas se deparam com um mundo cheio de informações e dúvidas. A Educação Infantil tem como uma das funções fundamentais

acompanhar e assegurar o desenvolvimento pleno dessas crianças, suprimindo desta maneira, suas necessidades.

Novamente Furlani explica que (2011, p. 87) “se a educação formal pretende contribuir para o “desenvolvimento integral do indivíduo” e para a sua inserção numa vida de “cidadania plena”, a educação sexual é assunto que não pode ficar ausente dos currículos escolares”. Uma vez que, segundo a autora os conhecimentos obtidos através da educação sexual são indispensáveis para a formação e interação social dos indivíduos.

Através das respostas, podemos perceber que prevalece o entendimento, em nossas instituições de ensino, que o trabalho da temática deve acontecer, somente quando há alguma manifestação por parte das crianças. Como no relato abaixo:

Sim, trabalhamos a questão da sexualidade no planejamento conversando com as crianças sobre o tema, informando-os e tirando suas dúvidas, porém uma conversa não muito “aprofundada”, **só esclarecimentos de fatos que acontecem no dia a dia dessas crianças**. Brincando e ao mesmo tempo “aprendendo sobre a sexualidade”, é isso que acontece (grifos nossos) (Professora 3).

Mesmo que a professora faça menção de um planejamento, é possível perceber no decorrer de sua resposta, que não há um planejamento intencional, uma vez que as conversas sobre o tema passam a ser direcionadas a esclarecimentos de fatos que acontecem no dia a dia destas crianças.

No entanto, também foi possível encontrar pedagogas que abordam essa temática dentro de uma inclusão curricular.

As mediações pedagógicas relacionadas a essa temática, tanto, quando surgem narrativas relacionadas nas brincadeiras, quanto, e em outras ocasiões intencionalmente abordando nas histórias, teatros brinquedos. Sempre lido de modo que as crianças possam compreender pelo viés científico como relacionar-se com seu corpo e dos seus colegas, cuidado p/ não abordar a sexualidade de modo heteronormativo e moral (Professora 1).

Através desse relato podemos perceber que a educação sexual é abordada intencionalmente dentro do trabalho pedagógico pela docente, uma vez que pode ser percebida a presença de um planejamento através da utilização de alguns “recursos” pedagógicos. Também há a preocupação da mesma, em não abordar a sexualidade dentro de uma concepção que favoreça o discurso da heteronormatividade. Discurso este, que tem como princípio o reconhecimento da heterossexualidade como a

identidade hegemônica, ou seja, como a única identidade a obter reconhecimento dentro da sociedade.

Nessa direção, Furlani (2008) questiona as hierarquias nas identidades culturais e lembra que foi somente no século XX, que "o sujeito hegemônico" passou a ser questionado, bem como sua identidade: “aquela centrada no indivíduo moderno que é homem, heterossexual, branco, masculino, ocidental, adulto, cristão de classe média (FURLANI, 2008, p.307)”.

A educação sexual segundo o pensamento desta autora, deve possibilitar a visibilidade de diferentes expressões da sexualidade, sejam elas as orientações sexuais (homossexual, bissexual, heterossexual) ou as expressões de gênero (em travestis, transexuais, transgêneros, etc.) sem a intenção de dar ênfase a nenhuma delas, mas de mostrar que, independente de qual identidade assumida, todos/as são seres humanos, com os mesmos valores, direitos e deveres.

Outro aspecto importante constatado na prática pedagógica das professoras, no que se refere a educação sexual, diz respeito a questão da problematização das questões de gêneros, muito presente dentro da Educação Infantil. Segundo esta professora:

[...] Em geral procuro trabalhar o tema com tranquilidade e não como um tabu. Procuro problematizar com as crianças alguns estereótipos de gênero que aparecem nas situações cotidianas e responder as dúvidas que elas trazem. Vou trabalhando o tema a partir do que percebo nas manifestações das crianças, de forma a não adiantar temas que aparecerão mais tarde ou tratá-los de forma muito aprofundada para a maturidade das crianças. Quando há necessidade, o tema pode ser trazido às reuniões pedagógicas sem problemas (Professora 2).

É importante destacar que o conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas, que se recusavam a adotar qualquer explicação sobre os comportamentos de homens e mulheres pautados no determinismo biológico. Segundo Joan Scott (1995, p. 75) “Gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado [...]”, ou seja, são características impostas e determinadas historicamente, que ditam o modo de ser homem ou ser mulher.

Atualmente, encontra-se presente em nossa sociedade uma ideia de que a sexualidade, ou melhor, a orientação sexual de um indivíduo é constituída/caracterizada a partir da identidade de gênero. Mais isso não é verdade, já que, à grosso modo a orientação sexual caracteriza-se pela atração sexual que um indivíduo sente um pelo outro (que pode ser do mesmo sexo ou de sexo opostos). Já a identidade de gênero diz respeito ao comportamento, masculino ou feminino, que este sujeito assume perante a

sociedade. Desta maneira podemos dizer que a identidade de gênero de um indivíduo, pode ou não, ser determinado pelo sexo, como por exemplo: Podemos sim ter dentro de nossa sala uma menina (sexo: mulher) com identidade de gênero masculino (modo de ser homem) que age como homem, se veste como homem, gosta de fazer atividades (consideradas pela sociedade) de homens, mais que não necessariamente terá uma orientação sexual homossexual. E se tratando de crianças, esta identidade de gênero pode ser transitória.

Desde a perspectiva que defendemos neste trabalho, consideramos que como professoras e professores, não devemos proibir as crianças ou podá-las quando as mesmas manifestam sua sexualidade e identidade de gênero, devemos respeitá-las e deixar que vivenciem cada etapa da vida de forma plena e feliz.

### **III.II As manifestações da sexualidade infantil: e agora como lidar com ela?**

A sexualidade está muito presente nas instituições escolares (porque fazem parte da vida do ser social, é inerente ao ser), em especial na educação infantil (0 a 5 anos), sendo que ao ingressarem nesta etapa da educação a criança se depara com pessoas diferentes de seus cotidianos, tendo a oportunidade e o desafio de conhecer novas práticas que até então eram desconhecidas, aumentando dessa forma sua curiosidade acerca das mais diversas questões, nesta fase a criança encontra-se em um período de constantes descobertas. Em meio a tantas descobertas as crianças começam, entre outros aprendizados, descobrir seu próprio corpo: começa a tocar-se, a espiar o amiguinho, a reproduzir cenas eróticas vistas entre adultos (como beijão e deitar juntos), entre outras. Referente a manifestação da sexualidade infantil as professoras relataram que:

São inúmeras situações que dizem respeito à questão do prazer com o seu próprio corpo (denominada culturalmente como masturbação) mas quando tratamos isso com crianças pequenas questiono esse termo. Nessa situação procuro mediar para que a criança entenda que não está errado o que está fazendo, portanto uma lógica contrária a punição. E ainda é importante que a criança compreenda que o toque do seu corpo pode acontecer em espaços privados e não público (Professora 1).



Segundo Jimena Furlani (2011 p. 68), “a escola pode educar a criança a aprender noções acerca da intimidade e privacidade pessoal, entendendo o momento e o local apropriado para tais manifestações”. Segundo a autora, existe uma grande diferença entre “educar para a negação-punição” da sexualidade e “educar para a positividade-consentimento” das expressões sexuais. Em outras palavras, enquanto a primeira nega a existência de uma sexualidade infantil e reprime através de punições as manifestações da mesma, a segunda orienta o sujeito para vivencia-la, só que demonstrando os locais mais adequados e “permitidos” para a prática de cada uma delas.

Neste outro relato vimos mais uma vez como a sexualidade infantil encontra-se presente dentro da educação infantil e quais são os momentos em que ela mais se manifesta:

[...] na verdade esse tema é constante e aparece nas brincadeiras, na divisão dos papéis, na curiosidade com o próprio corpo e com o corpo do outro, na percepção das histórias, na escolha de fantasias e brinquedos. Procuro problematizar as situações para que as crianças percebam que as relações humanas com a sexualidade não são dados simplesmente naturais, mais que foram construído socialmente, e por isso, podem receber diferentes significações. No entanto, é importante que os direitos das crianças sejam preservados, então, embora eu trate o tema com naturalidade, fico sempre atenta a possíveis casos de violência e abuso, pois nesse caso não há diversidade cultural que justifique a violação do direito da criança (Professora 2).

Na narrativa anterior, a professora faz menção a uma questão muito importante que não está relacionada somente a sexualidade mas diz respeito a um direito fundamental da criança: o direito à proteção. Sabemos que a sexualidade é uma dimensão humana que encontra-se presente desde o nascimento, portanto faz-se necessário que prestemos atenção para os comportamentos das crianças, pois eles podem dar indício que algo não está certo. Cabe a professora ou professor primeiramente averiguar com cautela, pois se trata de algo muito sério, e se for constatado qualquer forma de violência, devem tomar as decisões cabíveis.

O banheiro também apareceu como um dos momentos/lugares em que a sexualidade infantil fica mais visível:

Eu penso que são nas brincadeiras e nos momentos de ir aos banheiros. Nas brincadeiras aparecem as concepções que as crianças trazem sobre os papéis ligados à sexualidade e ao gênero. E no banheiro é quando há uma visibilidade e manuseio dos órgãos genitais

e com isso, há um aumento da curiosidade sobre o tema. Isso depende muito da faixa etária das crianças (Professora 2).

Em relação a esta questão Furlani (2011, p. 68) explica que brincar com os genitais:

[...] é uma etapa desse aprendizado, presente na infância. Comumente, na educação infantil, as crianças manipulam seus genitais - o que causa, muitas vezes, embaraços e constrangimento na escola. Este ato faz parte de um processo universal esperado e benéfico do aprendizado infantil na sexualidade.

A manifestação da sexualidade infantil também foi justificada apenas, como imitação de adultos, como podemos ver na resposta abaixo.

Sim, no momento fiquei surpresa, mas depois, sentei e conversei com as crianças e percebi que eles só estavam representando o que viram (a família agir assim) sem maldade (Professora 3).

Ao remeter-se a manifestação da sexualidade infantil pela criança à mera imitação do adulto, a professora está negando a existência de uma sexualidade infantil como expressão espontânea, que se encontra muito presente na infância pelo auto descobrimento de seu corpo e pelo descobrimento do corpo do outro.

Como já mencionado anteriormente (no item 1.1), Sigmund Freud foi o primeiro estudioso a pôr em tese a existência da sexualidade infantil. Através de seus estudos, Sigmund Freud, descarta a concepção de criança como ser assexuado. E demonstra que a sexualidade se faz presente em todas as etapas da vida. Além disso: Sigmund Freud classifica a sexualidade infantil em quatro fases.

A fase oral (0 a 2 anos): quando o bebê focaliza seu desejo e o prazer nos seios maternos e na ingestão dos alimentos, nesta a fonte de satisfação é a boca o centro do libido.

A fase anal (2 a 3 anos): quando o prazer e desejos são focalizados nas fezes, ou melhor, dizendo, na retenção e expulsão das fezes.

E a fase fálica (3 a 6 anos): quando o desejo e o prazer são focalizados nos órgãos genitais, nesta fase a criança começa a descobrir seu corpo e manipular seu genital. Esta também é a fase que surge o complexo de Édipo, que segundo concepções freudianas trata-se de uma ligação afetiva muito forte entre as pessoas que mais confia (os pais/mães), geralmente acontece de as meninas focalizarem seus desejos e prazeres nos pais e ao contrario acontece com os meninos que focalizam seus desejos e prazeres nas mães. Nesta fase, também ocorre o descobrimento das diferenças entre os sexos

masculino e feminino. É nela também que as crianças começam a querer saber mais sobre os assuntos relacionados a sexualidade, como: de onde vêm os bebês?

E por último, temos a fase da latência (7 a 11), que geralmente é marcada pela puberdade, quando o indivíduo passa a focalizar seus desejos e prazeres fora da família, passando então a desenvolver interesse sexual erótico.

Demonstrando desta maneira as diferentes formas de manifestações da sexualidade infantil, assim, o prazer passa ser o dado fundamental para a sexualidade humana.

Quando questionadas a responder, qual era a instância da sociedade (família ou escola) responsável pela educação sexual as professoras responderam que, este trabalho de educação sexual deve ser feito tanto pela família quanto pela escola.

Evidentemente que concebo como inerente a prática pedagógica a mediação acerca dessa temática. Essas mediações se dão cotidianamente de modo minucioso, sutil onde a família e instituições educativas, são instâncias importantes nesse processo construtivo da sexualidade infantil. Destaco minha compreensão que uma das funções sociais da educação familiar (questão essa construída nos debates da área quando tratamos de educar e cuidar, explicitada nas publicações de Ana Beatriz Cerisara). Nesse sentido, explícito que a complementariedade a referência familiar pode ser exatamente ampliar/complexificar as questões apreendidas no espaço doméstico. E quando tratamos de sexualidade infantil, essa questão fica evidente, pois tal como podemos observar nos registros históricos, a vigilância e o controle de regulação multiplicam-se e se autorizam a ditar normas, excluindo as possibilidades de reconhecimento e inclusão dos diferentes modos de ser e estar no mundo (Professora 1).

Ou neste outro:

Em minha opinião deve ser abordada por ambas as instituições. Uma respeitando a outra. A escola pode tratar do ponto de vista da produção do conhecimento sobre o tema e também da discussão da diversidade de concepções sobre a sexualidade. Enquanto a família vai orientar a partir da sua cultura, religião, valores, etc. (Professora 2).

É possível visualizar neste conjunto de depoimento que tanto a família quanto a escola tem papel fundamental na formação dos indivíduos. Concordo com o pensamento das professoras: a educação sexual tem que estar presente dentro das duas instâncias, na família (a partir de valores religiosos, culturais e morais) e na escola (através da transmissão e construção e conhecimento científico).

Partindo do pressuposto que a Educação Infantil tem como função contemplar as múltiplas dimensões do processo de desenvolvimento da criança (até mesmo a

sexualidade). É papel da/o educadora/or nessa fase de ensino auxiliar o indivíduo (criança) em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. E neste processo não devemos privá-los dos conhecimentos referentes a sua sexualidade, necessários para o seu desenvolvimento. Sempre respeitando o ponto de vista da família, mas entendendo, que o currículo escolar da Educação Sexual (assim como de qualquer disciplina) é pensado considerando a partir de diretrizes pedagógicas e políticas públicas educacionais, para determinado nível de escolarização.

A Educação Sexual dentro do ambiente escolar deve buscar ensinar e esclarecer questão relacionada à sexualidade livre de preconceitos e tabus, demonstrando que, ao contrário do que se pensa, a educação sexual não serve como incentivo para uma iniciação sexual mais cedo, mas sua verdadeira função é a formação de crianças e jovens, conscientes, tranquilos e bem informados para saberem fazer boas escolhas e viverem sua sexualidade plena e feliz. Parafraseando Debora Haffner apud Jimena Furlani (2011, pag. 65) as Crianças Sexualmente Saudáveis são aquelas que sabem "Tomam decisões adequadas para sua idade".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.” (BRASIL/MEC, 1997).

Como vimos, a sexualidade é um tema um tanto quanto polêmico de ser abordado. E quando o discurso adentra as instituições de ensino, mas especificamente a Educação Infantil, torna-se mais difícil de ser trabalhado. O tema é alvo de conflitos, resistência dentro das instituições de ensino, na maioria das vezes o discurso em torno dessa temática é evitado por temor, outras por desconhecimento do assunto.

Ao mesmo tempo, esta mesma sexualidade que é tão problemática/difícil de ser tratada na educação, (me refiro aqui não somente na educação escolar/institucional, mas também na educação familiar) é mostrada pelas mídias sem restrições, ou preconceitos, de forma natural.

Ribeiro e Camargo (1999) em um de seus escritos apontam quão polêmica vem sendo a discussão em torno da educação sexual no Brasil. As autoras relatam que:

A Educação Sexual nas escolas brasileiras, principalmente nos níveis de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, tem sido bastante polêmico. Muitos consideram, ainda hoje, a abordagem de questões sexuais na escola como algo não-sadio, pois estimularia precocemente a sexualidade da criança e do adolescente. Para outros, a discussão orientada de temas relacionados à sexualidade proporcionaria aos jovens o conhecimento da importância da vida sexual bem mais cedo e com mais profundidade (RIBEIRO E CAMARGO, 1999, p. 39).

Percebemos que a sexualidade ainda está muito presa à ideia de sexo, não havendo desta maneira, uma compreensão que a mesma faz parte do processo de desenvolvimento humano, tanto quanto engatinhar, andar e falar, e que assim como essas necessidades a sexualidade também se manifesta na infância.

Nas palavras de Silva Abu e Jamra Zornig (2008):

A sexualidade das crianças é um tema difícil de ser abordado, pois apesar de Freud ter chocado a sociedade vienense cem anos atrás, ao propor a ideia de uma infância que se afastava da tradicional noção de pureza e de felicidade, trazendo à tona uma criança dotada de afetos, desejo e conflitos, ainda hoje temos dificuldade em aceitar a sexualidade infantil proposta pelo fundador da psicanálise (ABU e ZORNIG, 2008, p. 73).

Conforme nos mostra Jimena (2011), o corpo nesta faixa etária é a base para a

descoberta de seu ser e do outro. Deste modo, devemos possibilitar as crianças a um reconhecimento de seu próprio corpo, mas isso não será possível se continuarmos tratando a sexualidade como algo desconhecido ou repugnante.

Cabe aqui ressaltarmos que a educação, ou melhor, dizendo as/os profissionais que atuam na educação, trazem consigo em sua bagagem de vida, valores, afetos, condutas e concepções acerca dos mais diversos temas, inclusive da sexualidade, que conscientemente ou não, são transmitidos aos indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Para Camargo e Ribeiro (1999) “o trabalho com educação sexual implica a discussão de questões sociais, étnicas e morais” (p.40), fazendo-se necessário estabelecermos relações entre liberdade, autonomia e respeito à intimidade.

Deste modo, devemos ter cuidado ao trabalhar com a mesma, ao tratar da sexualidade não devemos privar as crianças do conhecimento produzido acerca do tema, uma vez que a função da educação é a transmissão, construção e universalização do conhecimento, juntamente com seus/suas alunos/as

Durante nossa pesquisa demostramos que a sexualidade também é constituída pelos e nos processos culturais, desde o nascimento, e que de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos, ligados à manifestação de sua sexualidade.

Ribeiro e Camargo (1999) apontam que os PCN's propõem que os docentes tenham “flexibilidade, disponibilidade e abertura” para trabalhar com os temas transversais, ou seja, que sejam capazes de abordar/lidar com questões como Ética, Orientação Sexual e Meio Ambiente. Em especial, no que diz respeito à Orientação Sexual, as autoras destacam que o “educador deve entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre temáticas específicas da sexualidade” (MEC, 1995, p.6 apud RIBEIRO e CAMARGO, 1999, p. 49).

Ainda segundo as autoras explicam que a sexualidade humana

[...] mais do que o ato sexual e a relação de produção, abrange as pessoas, seus sentimentos e relacionamentos. Implicam aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisões. A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão de expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade (RIBEIRO e CAMARGO, 1999, p. 50).

Desta maneira a educação sexual (ou a orientação sexual como traz os PCN's) não pode estar centrada na genitalidade, já que a mesma não diz respeito somente ao

conhecimento das estruturas genitais, mais vai muito além e a quem disso, diz respeito ao conhecimento de si próprio, a descoberta do outro, aos desejos de um corpo, a busca por prazer. A sexualidade precisa ser reconhecida no interior de todo o contexto educativo, para que todas as pessoas, desde a mais tenra idade, sejam vistas como seres em plenitude no processo permanente de construção de uma cidadania sempre sexuada (portador de uma sexualidade).

A educação sexual que se faz necessária dentro de nossas instituições de ensino, sejam elas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, e até mesmo o Ensino Superior, é uma educação que como nos mostra Camargo e Ribeiro (1999, p. 43)

[...] permita a participação constante dos alunos e alunas, por meio de discussões que privilegie o posicionamento de cada um quanto o tema em debate, assim como o levantamento e discussão das dúvidas, das divergências e dos pontos em comum.

Ainda neste mesmo pensamento, Jimena Furlani em seu livro: *Educação sexual na sala de aula*, traz como justificativa para uma educação sexual escolar a autora Debra Haffner, que apresenta em seu livro: *A criança e a educação sexual*, um entendimento do que denomina ser uma criança sexualmente saudável. Para Haffner citada por Furlani (2011):

As crianças sexualmente saudáveis: São aquelas que se sentem bem com seus corpos; Que respeitam os membros da família e outras crianças; Que entendem o conceito de privacidade; Que tomam decisões adequadas à sua idade; Que fica à vontade para fazer perguntas; Que se sente preparada para a puberdade (HAFFNER apud FURLANI, 2011, p.65).

A partir deste entendimento de Haffner, Furlani desafia-nos educadoras e educadores a pensarmos/respondermos como seria uma escola sexualmente saudável. E nos traz a resposta de Jung (2008) que diz:

Uma escola sexualmente saudável discute, dialoga, sobre educação sexual com os/as aluno/as, entre as/os professora/es e demais funcionários e com a família. A equipe escolar inclui este tema em suas reuniões pedagógicas, cursos e capacitações. A educação sexual está presente no currículo e é trabalhada ao longo do ano e não apenas quando surge alguma manifestação que leva a direção a chamar algum médico/a ou especialista para conversar ou ministrar uma palestra. As crianças e jovens conversam com as/os professoras/es e tiram suas dúvidas. As crianças aprendem a conhecer seu corpo e suas características. A educação sexual é trabalhada no espaço escolar de forma participativa e interdisciplinar, a partir de reflexões decorrentes de experiências e trabalhos teórico-práticos. (Resposta elaborada por

Cláudia Jung-aluna da 7ª fase do curso de Pedagogia, Habilitação Educação Infantil, FAED/UDESC. Maio de 2008) (FURLANI, 2011, P.59).

A educação sexual só assume a verdadeira função, quando entendemos que a sexualidade está presente desde o nascimento e que enquanto profissional da educação infantil cabe a nós instruímos, ensinarmos e orientarmos as crianças a viverem sua sexualidade, de forma plena, natural e saudável de acordo com cada etapa de nossa vida.

A pesquisa possibilitou que visualizássemos a existência de um discurso quase que “homogêneo” a respeito do entendimento sobre a sexualidade, uma vez que todas as professoras conceberam a mesma (sexualidade) como uma dimensão humana, que está presente em todos os momentos da vida. No entanto, percebemos também no decorrer das respostas, que há um certo distanciamento entre a concepção de sexualidade que as professoras possuíam/traziam, e a sua prática docente referente a este tema. A educação sexual que foi apresentada por estas professoras, ainda não assumiu (com exceção de uma docente) um lugar de reconhecimento dentro do currículo, nem tão pouco dentro dos seus planejamentos.

Parece que, a concepção da sexualidade enquanto dimensão humana que está presente desde o nascimento, encontra-se somente no discurso. Uma vez que o discurso das docentes não condiziam com suas práticas, no que se refere a temática. Pôde ser visualizado que a grande maioria das docentes abordam a temática, somente quando a sexualidade se manifesta, nesse sentido, não visualizamos nas respostas uma preocupação em formar as crianças para saberem lidar com sua sexualidade e consecutivamente respeitar a sexualidade alheia.

No que diz respeito à educação sexual, acredito que muitas conquistas já foram alcançadas, mais ainda falta um caminho longo a ser trilhado. Desta forma, quero destacar aqui a importância de nós enquanto professoras e professores refletirmos sobre nossas práticas docentes, em especial à que diz respeito à educação sexual. Pois é também através deste processo de ensino e aprendizagem que ocorre a formação de muitas identidades e concepções, que passarão a fazer parte da vida destes sujeitos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU, Silvia Maria ZORNIG, Jamra. **As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08.pdf> acesso em 02/abr. 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: formação pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação sexual** v. 3. Brasília: MEC, 1997.
- CAMARGO, A. M<sup>a</sup>. F. de; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como tema transversal**. Campinas/SP: Unicamp, 1999.
- COSTA, Elis. R; OLIVEIRA, Kênia. E. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo**. Rev. Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG, Vol. 2 n. 11. 2011. Disponível em: <http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/itinerarius/article/view/1239> Acesso em: 31 mar. 2012.
- FOUCAUL, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. 3 ed. tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Editora: Graal, 1977.
- FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FURLANI, Jimena (Org). **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo-Horizonte: Autentica Editora, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaio sobre a sexualidade e outros trabalhos**. 1901-1905 Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.
- GAZOLA, Eliana Aparecida; MACHADO, Flávia Calil. **Um estudo sobre a sexualidade: História, contribuições Freudianas e plasticidade do objeto das pulsões sexuais**. Revista Travola online n. 9. Disponível em: <http://nucleotavola.com.br/revista/um-estudo-sobre-sexualidade-historia-contribuicoes-freudianas-e-plasticidade-do-objeto-das-pulsoes-sexuais/> acesso 06 set. 2013
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200008&script=sci_arttext) acesso em 20 set. 2013.
- MOTT, Luiz. **Educação sexual e o jovem homossexual**. Perspectiva: revista do Centro

de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. v.16, n. 30, p. 57 - 88, jul./dez.1998. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, 1998.

EGYPTO, Antônio Carlos. **Orientação Sexual na Escola: um projeto apaixonante: o projeto de orientação na escola.** (org). Clara Regina Rappaport. São Paulo. EPU, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade.** Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 71-99, 1995. Disponível em <http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>. acessado 05 ago. 2013.

TRIVIÑOS, N. S. **Introdução à pesquisa em ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

## **ANEXO**

### **1. QUESTIONÁRIO:**

#### **1. Opiniões pessoais acerca da sexualidade**

- 1) Para você o que é sexualidade e o que a origina?
- 2) Durante sua infância você teve algum contato (através de conversa com adultos/familiares ou não, mídia, entre outras possibilidades, com o tema sexualidade)?

#### **2. Característica da Formação Inicial**

- 3) Durante sua vida escolar (desde a educação infantil) você recorda de algum episódio/disciplina em que a sexualidade foi discutida/abordada? De que forma foi essa discussão? Era algo programado, tipo palestra ou foi algo inesperado?
- 4) Na sua opinião o tema da sexualidade deveria estar incluído no currículo do curso de formação de professores? E nas escolas? Porquê?

#### **3. Prática profissional**

- 5) Em sua trajetória profissional, você foi convidada a participar ou já participou de alguma formação continuada sobre o tema Sexualidade? Como foi?
- 6) Em sua prática pedagógica é abordada a sexualidade? Como você trabalha esta questão? Como lida com a mesma? O tema é tratado nas reuniões pedagógicas?
- 7) Existe alguma barreira que impeça o discurso da educação sexual dentro das instituições de ensino? Quais são elas?
- 8) Você já presenciou, ou abordou alguma situação que envolva a sexualidade? Qual foi? Como você conduziu essa situação, qual foi sua reação/atitude? Caso sua resposta seja não, como você acha que reagiria frente a uma situação que envolva a sexualidade infantil?

9) Para você quais são os momentos na educação infantil (ou na infância) em que a sexualidade mais se manifesta, ou melhor, fica mais visível?

10) Na sua opinião a sexualidade deve ser trabalhada/abordada pela família ou pela escola? Porque?

11) A algo sobre o tema que você considere importante que não foi perguntado aqui? Sinta-se à vontade.

Muito obrigada!